cadernos
para o
PROFESSOR

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA PRÁTICA: uma proposta de intervenção pedagógica

KAMILLA COELHO OLIVEIRA[1]
https://orcid.org/0009-0002-3694-6984
kaamicoelho@gmail.com

RESUMO
O presente relato tem como objetivo apresentar uma experiência pedagógica desenvolvida com uma turma do quarto ano do ensino fundamental, em uma escola pública municipal situada na zona Norte de Juiz de Fora, Minas Gerais. A proposta teve como eixo estruturante a valorização da identidade negra e o enfrentamento ao racismo na infância, a partir de discussões estéticas relacionadas ao cabelo crespo. Tendo como ponto de partida o livro *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks, as atividades promoveram um mergulho simbólico no continente africano e nas heranças culturais afro-brasileiras. O trabalho envolveu vivências interdisciplinares, como rodas de conversa, leituras, análise de imagens, confecção de adereços, preparo de pratos típicos, experiências artísticas e práticas culturais, como o trançar dos cabelos. A culminância do projeto se deu com a realização de um desfile temático intitulado “Africanidades”, momento em que as crianças puderam socializar os saberes construídos, reafirmando sua autoestima e o respeito à diversidade étnico-racial. A experiência foi fundamentada em autores que discutem a representatividade e a equidade racial no contexto escolar. Constatou-se que práticas pedagógicas ancoradas na vivência, no afeto e no reconhecimento cultural são potentes ferramentas na construção de aprendizagens significativas e no fortalecimento do sentimento de pertencimento das crianças à sua história e identidade.
Palavras-chave: Identidade racial. Cultura africana. Representatividade. Diversidade. Educação antirracista

ABSTRACT
This experience report aims to present a pedagogical project developed with a fourth-grade elementary school class in a municipal public school located in the northern region of Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil. The proposal was centered on the appreciation of Black identity and the confrontation of racism in childhood, through aesthetic discussions related to curly hair. Using the book *Hair Love Is Queenly*, by bell hooks, as a starting point, the activities promoted a symbolic journey into the African continent and Afro-Brazilian cultural heritage. The interdisciplinary practices included conversation circles, readings, image analysis, accessory making, traditional cooking, artistic experimentation, and cultural experiences such as hair braiding. The project culminated in a themed fashion show entitled “Africanities,” where children shared their learning, reinforcing self-esteem and respect for ethnic-racial diversity. The experience was supported by theoretical contributions that discuss representation and racial equity in the school context. It was found that pedagogical practices grounded in lived experience, affectivity, and cultural recognition are powerful tools in building meaningful learning and strengthening children's sense of belonging to their history and identity.

Keywords: Racial identity. African culture. Representation. Diversity. Anti-racist education.

[1] Professora da Rede Municipal de Juiz de Fora, pós-graduada em Educação Especial.

RESUMEN
Este relato de experiencia tiene como objetivo presentar un proyecto pedagógico desarrollado con una clase de cuarto grado de la escuela primaria, en una institución pública municipal ubicada en la zona norte de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. La propuesta tuvo como eje central la valorización de la identidad negra y el enfrentamiento al racismo desde la infancia, a través de discusiones estéticas relacionadas con el cabello rizado. Tomando como punto de partida el libro *Mi cabello rizado es de reina*, de bell hooks, las actividades promovieron una inmersión simbólica en el continente africano y en la herencia cultural afrobrasileña. Las prácticas incluyeron círculos de conversación, lecturas, análisis de imágenes, elaboración de accesorios, preparación de platos típicos, experimentaciones artísticas y experiencias culturales como el trenzado del cabello. El proyecto culminó con un desfile temático titulado “Africanidades”, en el que los niños compartieron los aprendizajes construidos, reforzando la autoestima y el respeto por la diversidad étnico-racial. La experiencia se sustentó en aportes teóricos que abordan la representación y la equidad racial en el contexto escolar. Se constató que las prácticas pedagógicas fundamentadas en la vivencia, el afecto y el reconocimiento cultural son herramientas potentes para la construcción de aprendizajes significativos y para el fortalecimiento del sentido de pertenencia de los niños a su historia e identidad.

Palabras clave: Identidad racial. Cultura africana. Representación. Diversidad. Educación antirracista.

1. APRESENTAÇÃO

A construção da identidade étnico-racial na infância é um dos pilares para a formação de sujeitos conscientes de sua história, pertencimento e direitos. No espaço escolar, é urgente a inserção de práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento da diversidade e o enfrentamento ao racismo, de forma significativa e contextualizada. O presente relato apresenta uma experiência desenvolvida com uma turma do quarto ano do ensino fundamental em uma escola pública municipal localizada na zona norte da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

A proposta teve como ponto de partida o livro *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks[2], com ilustrações de Chris Raschka. A obra, escrita em linguagem poética, apresenta rimas curtas e afirmativas que valorizam o cabelo crespo como elemento de identidade, beleza e orgulho. Por meio de ilustrações vibrantes, o livro retrata uma menina negra em situações cotidianas, reforçando a representação positiva da negritude desde a infância. A narrativa acessível, voltada a crianças, favoreceu reflexões sensíveis sobre pertencimento, corpo e autoimagem.

[2] Nome artístico da escritora Gloria Jean Watkins, sempre grafado em minúsculas como forma de rejeitar convenções hierárquicas, bell hooks foi uma intelectual, feminista negra, professora, poeta e ativista social nascida em 1952, nos Estados Unidos, e falecida em 2021. Sua produção acadêmica e literária foi voltada principalmente à crítica dos sistemas de opressão interligados — como o racismo, o sexismo e o classismo — com forte ênfase no papel da educação como prática da liberdade.

A partir da leitura da obra, foram organizadas atividades que permitiram às crianças mergulhar no universo das culturas africanas e afro-brasileiras. As vivências incluíram rodas de conversa, oficinas de trança, exposição de imagens, experimentações com trajes e culinária típica, sempre articulando o conteúdo à realidade da turma. O projeto teve como principal objetivo promover o reconhecimento e valorização da identidade negra por meio de práticas que dialogassem com a arte, a oralidade, os modos de vida e a memória ancestral.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA

Fundada em 1971, a Escola Municipal Álvaro Lins, fica localizada no Bairro São Judas Tadeu, zona norte do município de Juiz de Fora. Conforme descrito no Projeto Político-Pedagógico[3] (PPP) da instituição, trata-se de uma escola que atende várias modalidades de ensino, sendo: Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais e EJA[4] (5 fases). Além disso, conta com a oferta do Atendimento Educacional Especializado no contraturno para os alunos públicos da Educação Especial.

Em 2024, segundo o diário eletrônico escolar[5], a escola atendia aproximadamente 684 estudantes, que no ato da matrícula, se auto declararam: 159 famílias pardas, 69 negras e 120 brancas. O perfil da turma a qual o projeto foi realizado compreendia cerca de 20 crianças, de 9 a 10 anos, do quarto ano do ensino fundamental, que apresentavam dificuldades significativas de convivência, incluindo episódios de xingamentos racistas e reprodução de preconceitos entre os colegas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história do Brasil esteve, por séculos, profundamente marcada pela escravização, cujos efeitos ainda reverberam nas estruturas sociais atuais. Mesmo sendo uma nação constituída por uma rica diversidade étnico-cultural, o racismo

[3] Escola Municipal Álvaro Lins. 2023. Projeto Político Pedagógico. Juiz de Fora, Minas Gerais. Escola Municipal Álvaro Lins.
[4] EJA: Ensino de Jovens e Adultos — modalidade da educação básica destinada a pessoas que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade apropriada, garantindo o direito à aprendizagem ao longo da vida.
[5] Diário Eletrônico Escolar da Escola Municipal Álvaro Lins. Através da plataforma: Betha Cloud. Acesso em: 15/05/2025.

continua a relegar a população negra a posições de desvantagem e exclusão. Durante muito tempo, a elite branca propagou a ideia de que os negros seriam cultural e biologicamente inferiores, representando assim um obstáculo ao desenvolvimento do país.

Conforme destacou Munanga (2008), a diversidade racial resultante do processo de colonização passou a ser percebida pela elite branca como uma ameaça à consolidação de um ideal de nação. Nesse contexto, haviam formulações de teorias que buscavam definir a identidade do povo brasileiro e legitimar uma visão de Brasil como uma nação homogênea, pautada em valores excludentes e na negação da pluralidade étnico-racial.

Em contraposição a esse discurso homogeneizante, a partir da década de 1970, emergem no país pesquisadores negros e militantes das causas étnico-raciais que passam a questionar esse modelo e a evidenciar a constituição plurirracial e pluriétnica da sociedade brasileira. Essa mobilização resultou em importantes conquistas, como a inclusão da história e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares, a valorização das identidades étnico-raciais e a criação de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial.

A concepção que um indivíduo constrói sobre seu "eu" é profundamente influenciada pelo reconhecimento que recebe dos outros a partir de suas ações e interações sociais. Trata-se de um processo contínuo de negociação e construção ao longo da vida, mediado pelo diálogo com o outro. Gomes ressalta sobre a construção da (s) identidade(s) negra (s), para ela:

> No Brasil, a construção da(s) identidade(s) negra(s) passa por processos complexos e tensos. Essas identidades foram (e têm sido) ressignificadas, historicamente, desde o processo da escravidão até as formas mais sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e às muitas formas de resistência num processo [...]. É nesse processo que o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação. (Gomes, 2008, p.21)

Dessa forma, observa-se que, no que diz respeito à Literatura e à construção da identidade étnico-racial da criança, a representação positiva da população negra nos livros é de grande relevância — sobretudo quando essas obras são acessadas

por crianças negras e não negras em diferentes contextos sociais. Essa representatividade, ao ser acessada por crianças de diferentes origens, contribui para o respeito à diversidade e a valorização das diferenças.

Por esse viés, a escola configura-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento da identidade, possibilitando à criança reconhecer a si mesma em relação ao outro, compreendendo sua trajetória e entrando em contato com histórias de diferentes gerações. Esse processo contribui para a construção de uma identidade pessoal e cultural inserida no contexto social mais amplo.

4. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A proposta pedagógica teve como ponto de partida o livro *Meu Crespo é de Rainha*, de bell hooks, cuja leitura coletiva despertou identificação entre os estudantes, especialmente aqueles pertencentes à comunidade negra. A partir dessa obra, foram desenvolvidas diversas atividades ao longo do ano letivo de 2024, com o objetivo de promover a valorização da identidade afro-brasileira, o combate ao racismo e a construção de um ambiente escolar mais plural e acolhedor.

Um dos primeiros eixos trabalhados foi o estudo dos países africanos, com enfoque na diversidade cultural e histórica do continente. Os estudantes, organizados em grupos, pesquisaram diferentes países africanos, suas bandeiras, línguas, costumes, festas tradicionais, danças e personalidades históricas. As descobertas foram organizadas em cartazes, que compuseram uma exposição chamada “África em Nós”. Essa etapa foi fundamental para desconstruir estereótipos ainda presentes no imaginário social e para reforçar a ideia de que a África é um continente diverso, rico e potente.

Complementando esse estudo, foi realizada uma atividade sobre a culinária africana, que incluiu uma degustação de alimentos tradicionais, como canjica salgada e broa de milho. Antes da degustação, os estudantes assistiram a uma breve apresentação sobre a origem e os significados simbólicos desses pratos, além da influência da cultura africana na culinária brasileira. A experiência sensorial proporcionou um momento de conexão afetiva e cultural, despertando curiosidade e respeito pelas tradições alimentares afrodescendentes.

Outra ação de grande impacto foi a oficina de tranças, mediada pelas mães

da comunidade a qual a escola está situada. Durante a atividade, os estudantes aprenderam sobre os significados históricos e sociais das tranças para os povos africanos e afro-brasileiros. Foi explicado, por exemplo, que em tempos de escravidão, as tranças eram utilizadas como uma forma de comunicação e resistência, algumas representavam mapas de fuga, outras indicavam o pertencimento a etnias ou estados civis. Essa atividade trouxe um olhar mais profundo sobre a estética negra, ressignificando o cabelo crespo como símbolo de identidade, força e herança cultural. Alunas e alunos participaram da trança em si e puderam também, trançar os amigos, o momento gerou conversas sobre aceitação e orgulho racial.

A ludicidade também foi valorizada com atividades que resgatam práticas corporais de matriz afro-brasileira, como o uso da peteca, que se mostrou uma excelente ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da coordenação motora, concentração e trabalho em equipe. As crianças participaram de vivências com a peteca, aprendendo suas regras básicas, confeccionando o brinquedo e explorando suas variações em jogos coletivos. Durante as atividades, foi promovida uma reflexão sobre a origem indígena e afro-brasileira da peteca e seu uso histórico como forma de socialização, expressão corporal e preservação de saberes tradicionais. A experiência reforçou o papel do brincar como elemento cultural e educativo, contribuindo para o fortalecimento de vínculos e o respeito à diversidade.

O encerramento do projeto se deu com um grande desfile temático das “Africanidades”, realizado no pátio da escola com a presença da comunidade. Os estudantes vestiram roupas inspiradas nos trajes tradicionais africanos e desfilaram com orgulho e alegria, acompanhados por apresentações artísticas, como danças afro-brasileiras e cantigas de raiz africana. As famílias participaram ativamente do momento, contribuindo com vestimentas, adereços e maquiagem, tornando o evento ainda mais significativo.

É importante ressaltar que o desfile não teve caráter folclorizante ou superficial, mas representou a culminância de um processo educativo construído ao longo de todo o ano letivo, com base em estudos, reflexões críticas e vivências significativas. As temáticas trabalhadas — como ancestralidade, identidade, estética negra, resistência e pertencimento — foram tratadas com seriedade e sensibilidade,

garantindo que a atividade final fosse uma verdadeira celebração da identidade cultural afro-brasileira, e não uma representação descontextualizada.

Os resultados do projeto foram percebidos de forma concreta no cotidiano escolar: os alunos (as) passaram a se expressar com mais segurança e orgulho sobre suas origens; os professores (as) demonstraram maior engajamento na inclusão de conteúdos e autores negros em suas práticas; e a comunidade escolar passou a valorizar com mais consciência a diversidade étnico-racial existente no ambiente educacional. Em síntese, a experiência demonstrou o papel transformador da educação no combate ao racismo, na promoção da autoestima e na construção de uma escola verdadeiramente plural e antirracista.

Imagem 1 – Desfile inspirado em "Africanidades"



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024)

5. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

A análise dos dados coletados durante o desenvolvimento do projeto revelou avanços significativos na convivência e no reconhecimento da diversidade cultural entre os estudantes. Observou-se uma redução nos episódios de xingamentos racistas e na reprodução de preconceitos, o que corrobora com as teorias de educação antirracista que enfatizam a importância de práticas pedagógicas reflexivas e contextualizadas para a transformação das relações sociais no ambiente escolar (Freire, 1996; Dejesus, 2018).

A transversalidade do tema em diferentes disciplinas ampliou o engajamento dos estudantes, permitindo uma aprendizagem mais significativa e integradora,

conforme preconizado por Vygotsky (1998), que destaca a mediação social no processo de construção do conhecimento. A inclusão de atividades práticas, como oficinas de tranças e rodas de conversa, contribuiu para o desenvolvimento da empatia e do respeito mútuo, alinhando-se às propostas de educação para a cidadania e o reconhecimento da alteridade. (Bakhtin, 1997).

Em comparação ao estado da arte, os resultados do projeto confirmam a eficácia de abordagens pedagógicas que valorizam a cultura afro-brasileira no currículo escolar como estratégia para o combate ao racismo institucional e para a promoção de um ambiente escolar inclusivo (Santos, 2020; Souza, 2019). No entanto, a persistência de algumas dificuldades indica a necessidade de continuidade dessas ações, bem como da formação permanente dos professores para lidar com questões étnico-raciais de forma crítica e sensível.

Dessa forma, o projeto não apenas contribuiu para a melhoria do clima de convivência na turma, mas também fortaleceu a construção de identidades positivas, ampliando a compreensão dos estudantes sobre diversidade e cultura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste projeto representou uma importante contribuição para a minha formação pessoal e profissional, ao possibilitar o aprofundamento em práticas pedagógicas que valorizam a diversidade cultural e promoção da inclusão social no ambiente escolar, dialogando com as realidades dos estudantes e combatendo efetivamente as manifestações de racismo e preconceito.

O projeto teve um impacto significativo para os discentes, ampliando a consciência sobre a cultura africana e afro-brasileira e incentivando o respeito às diferenças. A participação ativa nas atividades favoreceu a construção de identidades positivas e a autoestima. No campo pedagógico, destacou-se a importância da atuação docente na promoção de um ambiente inclusivo. A experiência reafirmou o compromisso com a educação antirracista e com práticas que valorizem a diversidade.

7. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DEJESUS, N. Educação antirracista: práticas e desafios no contexto escolar. ***Revista Brasileira de Educação***, v. 23, n. 72, p. 1-15, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitatá, 2019

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, M. A. Educação, diversidade cultural e combate ao racismo institucional. ***Cadernos de Pesquisa***, v. 50, n. 177, p. 654-673, 2020.

SOUZA, R. C. Ensino de história e cultura afro-brasileira: contribuições para a construção da identidade**. *Revista História e Ensino***, v. 9, n. 2, p. 45-60, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.